

## Foucault: Corpo e Modernidade

Richard Rorty e outros da "velha esquerda" tomam a "nova esquerda" norte-americana como formada por pessoas que agrupam Foucault, Nietzsche e Marx, e que temperam esses três autores em um caldeirão mais ou menos frankfurtiano. Isso é verdade. Rorty está certo. E tal procedimento da "nova esquerda" tem sido a fonte de erros teóricos que, durante toda a década de noventa, pudemos observar em boa parte de dissertações, teses e mesmos livros de autores de várias áreas, em especial autores ligados à "teoria de currículos", no campo da educação, e de alguns sociólogos que discutem "pós-modernidade". Mas a filosofia também não ficou imune a tais tropeços.

O erro é o seguinte: Foucault e Nietzsche são tomados como críticos da modernidade e abafados sob as noções marxistas de "ideologia" e "repressão". A "nova esquerda" norte-americana, e vários autores ingleses que a acompanham, nem sempre estão errados. Só de vez em quando. Mas seus intérpretes no Brasil quase sempre estão errados. Foucault e Marcuse, que deixaram rastros bem visíveis na cultura anglo-saxônica de esquerda (que podemos perceber, principalmente, na formação dos autores que se destacaram após a Guerra do Vietnã, em especial nos que escreveram nos anos oitenta e noventa), nunca concordaram a respeito de uma noção: a de "corpo". Por isso mesmo, suas compreensões da modernidade se deram de modos diferentes. Para agrupá-las, seria necessário um pouco mais de sofisticação teórica.

A modernidade construída por Foucault, diferentemente do que disseram Adorno, Marcuse, Horkheimer e outros que se fixaram em uma determinada herança de Marx, não é uma época negativa. Foucault é para a filosofia política como Norbert Elias é para a sociologia: o herói da teoria positiva a respeito dos poderes – micros ou macros. Na tradição marxista, e em boa parte do que escreveram também os psicólogos leitores de Freud e Reich, a modernidade é uma *situação* na qual o "corpo" e os "impulsos" aparecem como reprimidos. Para Foucault e Elias, diversamente, a modernidade está marcada por uma nova relação das pessoas com o "corpo" e com os "impulsos". Todavia, aqui, também Elias e Foucault divergem. Para o primeiro há uma espécie de "desinteresse pelo corpo", como se as pessoas, na modernidade, tivessem se *acostumado* com o "corpo", tivessem conseguido um nível de sublimação alto (o que Horkheimer queria, em lugar da repressão), e então não precisassem mais, como precisaram no passado, de muitas regras de conduta a respeito de uma mais eficaz disciplina dos "impulsos". Foucault acha que há, sim, suavização em relação a tudo que as pessoas pensam sobre punições ao "corpo" e liberdade para o "corpo", mas ele não acredita que isso poderia ser enquadrado no "desinteresse pelo corpo" de Elias, ao analisar os "tempos modernos".

Analisando o poder nos séculos XVII, XVIII e XIX, Foucault propõe que a modernidade seja caracterizada por uma "anátomo política do corpo" e uma

"biopolítica da população". A primeira tem a ver com as "disciplinas", os procedimentos do poder que, a partir do "corpo como máquina", incumbem-se de seu adestramento, ampliação de aptidões, extorsão de suas forças, crescimento paralelo de sua docilidade e utilidade na sua integração dentro de sistemas de controles eficazes e econômicos. A segunda tem a ver com os controles reguladores, as intervenções do poder que a partir do "corpo-espécie" preocupou-se com as taxas de natalidade e mortalidade, os níveis de saúde, a duração média de vida. Segundo Foucault, esses dois procedimentos do poder caracterizam a modernidade como uma época em que "o velho direito de causar a morte ou deixar viver – que delinearía o poder nas sociedades não classicamente modernas – deixa a cena principal em favor de um poder de "causar a vida ou devolver à morte". Assim, "anátomo-política do corpo" e "biopolítica da população" revelam um poder que se exerce, para Foucault, positivamente, um poder desencadeador de forças que não mais se exercem tendo como referência a morte (a punição através do direito do soberano de condenar à morte, quase que como uma única peça legislativa), mas forças que se exercem em função da gestão da vida. A modernidade, para Foucault, é a época em que o poder investe no "corpo" vivo.

Então, em vez de acompanhar Weber, que aposta na aliança entre protestantismo e capitalismo, na produção de uma moral capaz de colaborar com a engrenagem moderna, Foucault prefere usar sua própria terminologia, dizendo que a modernidade presencia a "entrada da vida na história das técnicas políticas".

Foucault diz que não vê mais como a modernidade poderia aceitar Aristóteles falando do homem como animal político. O homem moderno, para Foucault, é, sim, um animal "em cuja política sua vida de ser vivo está em questão".

O poder não reprime no sentido de empurrar *de volta* o que quer se desenvolver. O poder, como Foucault o vê na associação com a definição de "tempos modernos", atua para *puxar* o desenvolvimento, o *novo*, as forças positivas, a vida. Foucault não está dizendo somente que há uma diminuição da dor, embora ele também esteja dizendo isso, ele está entendendo a modernidade de uma maneira na qual é possível ver o que se abre a partir dela. Quando tomamos a análise onde prevalece a noção de "ideologia" e de "repressão", onde tudo leva a crer que vivemos sob um poder que se exerce negativamente, o futuro parece não existir, ou, se existe, existe como sobra, como resto. O futuro, em Foucault, ao contrário, está em aberto e se faz por produção positiva.

"Biopolítica da população" e "anátomo-política do corpo" são elementos que não podem ser entendidos se encapsulados pelas noções negativas vindas do campo marxista-weberiano-freudiano que, em grande medida, modelou uma parte da "nova esquerda" norte-americana que, depois, absorveu os franceses, tais como Foucault, sem ter notado essa grande divergência dele com o legado marcusiano.

Esse erro persiste no Brasil. Nos Estados Unidos, às vezes, parece ser o que cria uma forma de desentendimento entre Rorty e a "nova esquerda" norte-americana. Um desentendimento desnecessário. Se a "nova esquerda" lesse com mais cuidado o primeiro volume da *História da Sexualidade*, todos perceberiam essa nova noção de modernidade que Foucault coloca em campo, e que trata o "corpo" de um modo que alude a ingredientes até então raramente expostos com tanta ênfase.

Sugestão de leitura:

Ghiraldelli Jr., P. *O corpo de Ulisses – modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer*. São Paulo: Escuta, 1996.

Paulo Ghiraldelli Jr., filósofo  
© Junho de 2005

Paulo Ghiraldelli Jr. © Junho de 2005

Fonte: [www.ghiraldelli.pro.br](http://www.ghiraldelli.pro.br)